

Futebol e imigração: os imigrantes e seus descendentes representados nas seleções nacionais europeias

*Guilherme Silva Pires de Freitas**

1 INTRODUÇÃO

O relógio marcava 20 minutos do segundo tempo no estádio Lujniki em Moscou quando o jovem atacante francês Kylian Mbappé recebeu a bola de Lucas Hernández, ajeitou o corpo e chutou, colocado, no canto do goleiro croata Danijel Subasic. Gol da França. Era o quarto da equipe que praticamente selava naquele momento a tão esperada conquista da Copa do Mundo de futebol no dia 15 de julho de 2018.

O gol do atacante francês descendente de imigrantes - filho de pai camaronês e mãe argelina - coroava uma jovem e promissora geração que, além do bom futebol, tinha outra coisa em comum: a vasta origem multicultural de seus atletas. Dos 23 convocados pelo técnico Didier Deschamps, 21 deles tinham raízes estrangeiras de segunda e terceira geração. Com perfis étnicos tão heterogêneos, a seleção representava dentro de campo toda a diversidade da sociedade multicultural francesa (FREITAS, 2018a, p. 68).

Porém, esta não foi a única equipe da história que contou com atletas de origem imigrante. Vinte anos antes de Hugo Lloris, capitão e descendente de catalães espanhóis levantar a taça em Moscou, outro talentoso selecionado francês, composto por muitos descendentes de imigrantes, sagrava-se campeão mundial. Em 1998, o craque Zinedine Zidane implodia a seleção brasileira e liderava os *Bleus* para a glória, na goleada por 3 a 0 no Stade de France, em Paris.

Filho de imigrantes argelinos, Zidane foi a grande estrela de uma geração que conquistou os principais títulos internacionais do futebol francês, gerou debates sobre identidade nacional e do espaço dos imigrantes na sociedade e despertou a ira da xenófoba e racista extrema-direita do país. Mas os jogadores multiculturais não são uma exclusividade da França.

Na história do futebol europeu, encontramos muitos outros exemplos de imigrantes e descendentes, presentes nos selecionados nacionais. Este artigo irá tratar justamente desta questão, abordando a importância dos atletas multiculturais para as seleções do continente e os espaços que esse grupo encontra na sociedade europeia, mostrando como o futebol pode ser uma importante ferramenta de discussão e análise sobre este delicado assunto.

* Mestre em Estudos Culturais pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP).

2 UM BREVE HISTÓRICO DOS ATLETAS IMIGRANTES E DESCENDENTES

A utilização de atletas imigrantes ou descendentes em seleções nacionais está presente desde os primórdios do futebol. Idealizada pelos ingleses em meados do século XIX, a modalidade se internacionalizou mobilizando profissional e emocionalmente centenas de milhões de indivíduos (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 14), além de ser considerada como a principal modalidade esportiva do mundo. Afinal, nenhuma outra forma de cultura popular tem uma relação tão intensa entre o torcedor e o futebol (GIULIANOTI, 2010, p. 7).

Devido àquela expansão, o jogo conquistou o mundo e tornou-se uma referência global, deixando de ser uma mera atividade das elites e dos mais abastados, para atingir todos os estratos sociais (FREITAS, 2017, p. 11). E um desses grupos foi justamente o dos imigrantes que, através do esporte, puderam fundar clubes e associações comunitárias, fortalecendo vínculos culturais e identitários em uma terra estrangeira, como ocorreu na Europa e na América do Sul, os principais continentes onde o jogo se popularizou primeiramente¹.

Os imigrantes e seus descendentes não ficariam apenas relegados aos clubes e comunidades esportivas. Com o passar do tempo, adquiriram maior protagonismo e conquistaram espaço nas seleções nacionais. Isto tornou-se um processo que se acentuou ao longo dos anos. Na última Copa do Mundo, disputada na Rússia em 2018, registrou-se um número recorde. De todas as 32 seleções que entraram em campo, 22 delas contaram com, pelo menos, um atleta naturalizado no elenco (CARNEIRO, 2018) e todas as seleções europeias tinham jogadores com origem estrangeira, fossem nascidos no exterior ou descendentes de imigrantes (FREITAS, 2018b).

Uma história bastante antiga e presente desde as primeiras edições da Copa do Mundo. Bicampeã mundial em 1934 e 1938, a Itália contava com os serviços dos *oriundi*, atletas nascidos no exterior e filhos de italianos que haviam deixado a terra natal em busca de melhores condições de vida. Como tinham o sangue italiano nas veias e a Itália adota a política do *jus sanguinis*² para definir nacionalidade, esses jogadores eram, de certa forma, “repatriados” para poder atuar pela *Squadra Azzurra*.

Uma estratégia que também teve o aval do ditador fascista Benito Mussolini que considerava a equipe como um grande instrumento de propaganda de seu regime e era extremamente criterioso na escolha dos atletas, exigindo que todos os selecionados fossem racialmente puros e sem qualquer traço de miscigenação (AGOSTINO, 2011, p. 60-62). Caso dos sul-americanos e filhos de imigrantes italianos Luis Monti, Raimundo Orsi e Anfilogino Guarisi, que participaram das conquistas mundiais da Itália e foram aclamados como heróis nacionais pelos títulos mundiais.

Na mesma época, a França também apresentava uma equipe com atletas de diferentes origens étnicas. No primeiro Mundial em 1930, seu capitão foi Alexandre Villaplane, um *pied-noir* nascido na Argélia³. Na Copa do Mundo seguinte, além dos *pieds-noirs*, havia filhos de franceses nascidos em diferentes países europeus; e no Mundial de 1938, a seleção francesa teve, pela primeira vez na história, um jogador negro e um magrebino vestindo a camisa dos *Bleus*: Raoul Diagne, nascido na Guiana Francesa e filho de Blaise Diagne⁴ e Abdelkader Ben Bouali, nascido na região de Sendjas, na Argélia (FREITAS, 2018a, p. 55).

Em 1958, a seleção francesa novamente voltou a ter descendentes de imigrantes como protagonistas em um Mundial. Filho de poloneses que trabalhavam em minas de carvão, Raymond Kopaszewski, ou simplesmente Kopa, foi um dos maiores jogadores do mundo nesse período, conquistando inclusive a Bola de Ouro. Nascido em Marrocos, de pai francês e mãe espanhola, Just Fontaine foi o artilheiro daquela Copa e até hoje ostenta o recorde de gols marcados em uma só edição: 13. A partir daí, a equipe passou a contar cada vez mais com atletas nascidos em suas antigas colônias imperiais e com os filhos e netos destes imigrantes.

Quem também se aproveitou da mão de obra de seus antigos territórios coloniais foi Portugal. Em sua estreia nos Mundiais em 1966, a equipe foi a grande sensação da Copa do Mundo disputada na Inglaterra. Liderados pelo excepcional atacante Eusebio, os portugueses conseguiram chegar até as semifinais, eliminando no meio do caminho a seleção brasileira então bicampeã mundial. Nascido em Moçambique, na época colônia portuguesa, o negro Eusébio terminou como artilheiro do evento e foi alçado ao *status* de ídolo nacional pelo regime ditatorial de Antonio Salazar, que utilizou o atleta como instrumento de propaganda política de seu regime autoritário (CARDÃO, 2014, p. 172).

Meio século depois da épica campanha na Copa do Mundo, Portugal voltou a ter um africano como protagonista. Na final da Eurocopa de 2016, a seleção lusitana perdeu seu principal jogador lesionado no começo da partida. Sem o craque Cristiano Ronaldo, coube ao atacante reserva Eder fazer o gol mais importante da história do país. Nascido em Guiné Bissau e tendo passado parte da vida em um orfanato, Eder acertou um chute rasante restando poucos minutos para o fim da prorrogação contra a França, garantindo o primeiro título internacional de Portugal.

Algumas equipes, conhecidas atualmente pelo seu multiculturalismo no vestiário, demoraram algumas décadas para integrar os imigrantes e seus descendentes aos selecionados, por diferentes motivos. A Holanda, que recebeu na segunda metade do século XX um grande fluxo migratório de pessoas oriundas de suas antigas colônias, passou a ter uma seleção multicultural apenas na década de 1980, com destaque para Ruud Gullit e Frank Rijkaard, filhos de surinameses e que foram dois dos protagonistas do único título de expressão do futebol holandês: a Eurocopa de 1988.

A demora em integrar atletas com essas características à seleção se deu pelo fato de os holandeses, nas décadas de 1960 e 1970, considerarem os imigrantes, especialmente os surinameses, como sujeitos ruins, fracassados e viciados em drogas. Este preconceito social também se refletia no futebol com diversos jogadores de descendência surinamesa sendo recusados em equipes holandesas já que, na visão da sociedade, poderiam passar uma imagem negativa para os clubes (WINNER, 2010, p. 225).

Na Inglaterra, país onde nasceu o futebol moderno, jogadores imigrantes e descendentes também superaram diversos obstáculos para conseguir atuar pela equipe nacional. Inicialmente, atletas negros eram barrados na seleção inglesa como forma de preservar a tradição do futebol como uma modalidade nobre. Um caso famoso foi o do atacante Jack Leslie, negro e nascido em Londres, que foi convocado e logo em seguida desconvocado após o técnico do *English Team* tomar conhecimento de que ele era um “homem de cor” (DO VALLE, 2018).

Apenas em 1978, um negro vestiu a camisa da seleção do país. Foi o lateral-direito Viv Anderson. Sua primeira convocação aconteceu numa época em que a Inglaterra assistia ao crescimento de grupos racistas e xenófobos de extrema-direita como o National Front, que pregavam a supremacia branca e também estavam presentes no futebol através dos hooligans que tumultuavam os estádios do país e da Europa. Anderson superou essa pressão fora dos gramados, se estabelecendo na equipe e abrindo as portas para outros atletas. Na Copa do Mundo de 2018, onde os ingleses fizeram sua melhor campanha em 28 anos, 11 jogadores da equipe tinham raízes estrangeiras.

Outro caso de seleção multicultural bastante famoso atualmente é o da Alemanha. Com uma equipe composta por muitos filhos e netos de imigrantes, venceu a Copa em 2014 e mostrou ao mundo um novo país. Porém, os alemães passaram muito tempo sem poder contar com os serviços de atletas com esse perfil. A principal razão desse fato foram questões ligadas à legislação sobre nacionalidade. Como adota o *jus sanguinis*, apenas alemães e seus descendentes diretos podiam vestir a camisa da equipe nacional. Razão pela qual os atletas de origem turca, a maior comunidade imigrante no país, só foram aparecer no selecionado alemão no começo dos anos 2000.

Os primeiros imigrantes turcos chegaram à Alemanha na década de 1960 como *Gastarbeiters*⁵ e foram se estabelecendo e criando vínculos com a nova terra. Como não tinham nacionalidade alemã, seus filhos não eram considerados alemães e, conseqüentemente, não podiam jogar pela seleção nacional. Eles deveriam esperar até a maioridade para definir sua nacionalidade: alemã ou a de origem dos pais.

A situação começou a mudar em 2000 quando foi aprovada uma lei que permitia a dupla nacionalidade a crianças nascidas após a reunificação alemã. Em 2014, o parlamento da Alemanha afrouxou as regras para a dupla cidadania e permitiu que os cidadãos descendentes de imigrantes, nascidos no país após a reunificação, pudessem manter dois passaportes caso comprovassem terem passado boa parte da vida na Alemanha (FREITAS, 2017, p. 39).

Nas últimas décadas, tornou-se comum assistir a selecionados nacionais com perfis cada vez mais multiculturais. Países como Suécia, Dinamarca, Noruega e Suíça, por exemplo, passaram a exibir em campo uma grande variedade étnica. Isto se deve ao fato de esses Estados terem abrigado muitos imigrantes e refugiados ao longo dos últimos anos. Consequentemente, seus descendentes nasceram nestes locais e passaram a defender as seleções europeias.

Além de todas essas particularidades nas principais seleções do continente, a ratificação da Lei Bosman, em 1995, também contribuiu para expansão das seleções multiculturais na Europa⁶. Com a aplicação da lei, o futebol de clubes passou a ser cada vez mais globalizado e assistiu-se a um grande fluxo de transferências de atletas de várias partes do mundo, refletindo-se também nas seleções nacionais.

Ao mesmo tempo em que é um lucrativo negócio, gerando cifras incalculáveis de dinheiro diariamente, o futebol também tem o seu lado social e cultural. Considerados superestrelas e celebridades, muitos atletas descendentes de imigrantes passaram por situações de racismo e xenofobia, mostrando como a modalidade não está à parte da sociedade francesa, ou de qualquer outra, e pode muito bem ajudar a compreender situações da realidade atual.

3 AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS IMIGRANTES E DESCENDENTES NA SOCIEDADE

Um dos maiores temores da FIFA, antes do início da última Copa do Mundo, era justamente o torneio ficar marcado pelo racismo, xenofobia e machismo. A Rússia, país que sediou a competição, tem um histórico de casos de intolerância e preconceito quando o assunto é futebol. São comuns ofensas e cânticos pejorativos de torcedores locais a jogadores negros e estrangeiros que atuam na Liga Russa. Por isso, a FIFA fez um grande esforço para promover uma campanha de conscientização contra o racismo e a intolerância durante o Mundial (FIFA, 2018).

É uma estratégia digna da FIFA, que há anos promove campanhas contra a discriminação racial na modalidade, utilizando, em várias atividades, alguns jogadores mundialmente conhecidos e admirados. E essas ações afirmativas em prol de igualdade racial ajudam na conscientização do torcedor. Fanon (2008, p. 14) afirma que, quando se ignora a prática do racismo, as instituições políticas, sociais e culturais acabam apoiando-o e fortalecendo-o. Por isso, a FIFA não poderia ficar à parte e fingir que nada acontecia durante seus eventos. Mas todo esse empenho contra as discriminações não impediu que atitudes lamentáveis ocorressem na Rússia durante o Mundial.

Dias antes do início da COPA 2018, o jogador belga Romelu Lukaku escreveu um artigo bastante repercutido nas redes sociais. Ao contar sua história de vida, o atleta, que é filho de imigrantes congolezes, afirmou que, quando não

fazia gols, era chamado de “o atacante descendente de congoleses”. Porém, quando marcava, era “o atacante belga” (LUKAKU, 2018). De uma forma sutil, Lukaku mostrou como também é vítima do preconceito racial, mesmo sendo um dos jogadores mais conhecidos do mundo e o maior artilheiro da história da seleção belga.

Durante o Mundial, o meio-campista sueco Jimmy Durmaz cometeu uma falta na entrada da área nos minutos finais do duelo contra a Alemanha. O jogo estava empatado em 1 a 1 e o placar favorecia os suecos. Na cobrança de falta, Toni Kroos acertou um belo chute e deu a vitória aos alemães. Nas redes sociais, foram registradas muitas ofensas de cunho xenofobo ao atleta sueco, que é descendente de imigrantes assírios. Em protesto, a seleção da Suécia gravou um vídeo em apoio ao companheiro e criticou os comentários racistas (O’CONNOR, 2018).

Outro caso de intolerância no último Mundial aconteceu logo depois da eliminação da Alemanha, ainda na fase de grupos. Mesut Özil era uma das principais estrelas da equipe e foi bastante criticado pelo seu fraco desempenho em campo. Meses antes da COPA, ele foi fotografado ao lado do presidente turco Recep Tayyip Erdogan e afirmou que jamais se negaria a tirar uma foto com o controverso chefe de Estado. Alegando sofrer racismo e xenofobia por suas raízes turcas, Özil publicou uma carta anunciando que estava se aposentando da seleção nacional e criticou dirigentes da Federação de “não aceitá-lo como alemão” (MCKIRDY; YOUNG, 2018).

Os três casos que aconteceram na Copa do Mundo de 2018 se somam a diversas outras situações que ocorrem no futebol constantemente, como o machismo e a homofobia. No Mundial, práticas de discriminação contra mulheres e homossexuais também acabaram sendo registradas. A ONG Fare Network fez uma contagem durante o evento e contou 45 casos de assédio a mulheres (ALEIXO, 2018). Entre essas lamentáveis atitudes machistas, repórteres de TV foram assediadas por torcedores enquanto trabalhavam, e um grupo de homens brasileiros acabou viralizando nas redes sociais depois de constrangerem torcedoras russas com músicas em português de cunho sexual e misógeno.

Os homossexuais também sofreram com atos discriminatórios durante a COPA do Mundo, de 2018. Manifestações de cunho homofóbico em partidas da seleção mexicana foram registradas pela organização do evento e pela imprensa internacional. Mesmo com apelo dos próprios atletas da seleção, alguns torcedores insistiram em gritar cânticos homofóbicos e essas atitudes renderam uma multa à Federação Mexicana (DAS, 2018).

Como já citado acima, o futebol, como modalidade esportiva, não está à parte da sociedade. Por ser uma manifestação da cultura popular de massas, mexe com sentimentos dúbios como amor e ódio, paixão e raiva. Por isso, situações que acontecem no cotidiano também irão se refletir nos estádios (TOLEDO, 2000, p. 30). E isso logicamente inclui os casos de intolerância contra imigrantes e seus descendentes.

Estes fatos lamentáveis contra populações imigrantes estão diretamente ligados aos efeitos do processo de globalização. Este processo de integração e aproximação, que é capaz de unir e separar ao mesmo tempo (BAUMAN, 1999, p. 9), ajudou a diminuir as diferenças culturais em todo o mundo fazendo com que ficasse muito mais fácil o contato com aqueles considerados como estranhos e suas respectivas culturas (HARARI, 2018, p. 178).

Porém, ao mesmo tempo em que aproximou culturas e povos, o processo de globalização também acentuou os sentimentos de nacionalismo, anti-imigração e xenofobia, como estamos vendo recentemente em diversas partes do mundo, fortalecendo e reafirmando algumas identidades nacionais e locais, além de assistir ao surgimento de novas posições de identidade (WOODWARD, 2014, p. 21).

E parte dessas novas identidades não busca apenas um retorno ao passado glorioso de sua nação, como fazem alguns grupos nacionalistas. Essas novas identidades também podem ser aquelas que reafirmam suas raízes locais, mas ao mesmo tempo buscam exaltar sua condição de descendentes de imigrantes.

A maioria dos jogadores europeus descendentes não tem receio de esconder suas múltiplas identidades. Ao mesmo tempo em que se sentem orgulhosos das origens de seus antepassados, demonstram o mesmo em relação ao país onde nasceram. Pertencem a diferentes culturas e representam sua pátria natal através da seleção nacional de futebol. Vermeulen (2001) define esse sentimento como identidade étnica que é quando:

Os indivíduos incluem-se em diferentes comunidades, grupos ou categorias (de pessoas) e têm, assim, diversas identidades sociais. Estas podem basear-se, entre outros atributos, no sexo, na classe, na idade e na profissão. Uma identidade étnica diferencia-se destas identidades sociais pela convicção de que se possui uma ascendência, uma história e uma herança cultural comuns, por exemplo, a língua e a religião: o que conta é sobretudo a convicção, a crença (VERMEULEN, 2001, p. 24).

O sentimento de pertencimento e de abraçar duas identidades ou culturas distintas também pode ser considerado como um exemplo da “identidade bifurcada”, conceito criado pelo antropólogo catalão Claudio Esteva Fabregat (1984, apud CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p. 130). Este tipo de identidade acontece quando os imigrantes de primeira geração, e uma parcela dos descendentes de segunda geração, absorvem parte da cultura do novo lar e a funde com suas raízes de origem. Segundo Fabregat, esse comportamento somente irá desaparecer nos cidadãos da terceira geração de imigrantes, que já estão mais bem adaptados à cultura local.

Stuart Hall (2003), teórico que estudou o conceito de identidade, a definiu como sempre sendo híbrida, provisória e em constante *status* de mudança. Hall inclusive afirma:

Acho que a identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida. Mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos, que ela pode constituir um ‘posicionamento’, ao qual podemos chamar provisoriamente de identidade (HALL, 2003, p. 432-433).

Representar um país europeu, mas ao mesmo tempo sentir orgulho pela pátria dos pais, é algo compreensível, afinal trata-se das raízes do jogador. Porém, esse comportamento causa irritação nas pessoas mais conservadoras e reacionárias, que muitas vezes não enxergam o imigrante como igual e, sim, como alguém inferior.

Em 1996, o então líder da extrema-direita francesa, Jean Marie Le Pen, definiu a seleção nacional como uma equipe artificial por ter muitos atletas negros. Le Pen ainda afirmou que ela não representava a verdadeira França que, na sua concepção, era branca e sentia orgulho dos símbolos da pátria, como a bandeira e o hino nacional (GASTAUT, 2008, p. 21-22). O que motivou a fúria do líder político contra o selecionado de futebol foi o fato de vários jogadores não cantarem o hino antes das partidas, entre eles, atletas sem ascendência imigrante.

Para esses cidadãos que pensam como Le Pen, o imigrante e, conseqüentemente, seus descendentes, não representam o “seu” país e a “sua” comunidade. Mesmo assimilados, no caso dos imigrantes, ou nascidos no país europeu, no caso dos descendentes, eles ainda são considerados, por esses reacionários, como estrangeiros (FENTON, 2003, p. 152) e pessoas sem virtudes (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 45). São vistos apenas como mão de obra descartável. Sobre essa questão Sayad (1998) afirma que:

[...] um imigrante só tem razão de ser no modo do provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho; porque se precisa dele (SAYAD, 1998, p. 54-55).

Devido a seu *status* social, o imigrante e seus descendentes não podem ser ídolos ou exemplos para a sociedade ou para os jovens. Não têm direito de obter sucesso e devem permanecer em seu lugar. Quando atletas como Mario Balotelli ou Karim Benzema, ambos descendentes de imigrantes e que gostam de ostentar seus luxos em redes sociais, obtêm sucesso dentro de campo, logo passam a ser alvo de grupos mais intolerantes por não se adequarem a àquele “perfil do imigrante”, conforme relatam a citação e o parágrafo anteriores.

Todos esses atletas contemporâneos são filhos das imigrações de trabalho que se iniciaram logo após o fim da II Guerra Mundial e acabaram se transformando numa imigração de povoamento, como definida por Sayad (1998, p. 67). Inicialmente os trabalhadores tinham planos para regressar ao seu país de origem, mas foram se adaptando ao novo lar e, mesmo querendo um dia retornar para casa, jamais regressaram, o que foi se constituindo no chamado “mito do regresso” (FENTON, 2003, p. 151).

Em grande parte da Europa, os grupos de imigrantes e descendentes enfrentam maiores dificuldades em relação às populações nativas em diversos aspectos sociais e econômicos. Um levantamento feito em 2011, pelo Gabinete de Estatísticas da União Europeia (Eurostats), confirmou essa afirmação. A pesquisa concluiu que imigrantes de primeira geração e seus descendentes de segunda e terceira geração apresentam maior risco de exclusão social, evasão escolar e desemprego, em comparação com os cidadãos nativos (EUROSTATS, 2011, p. 21).

O relatório apontou ainda que imigrantes, principalmente os oriundos de Estados de fora da União Europeia, têm mais chances de viverem em condições de exclusão social do que os cidadãos nativos mais pobres dos países membros do Bloco Europeu. Em alguns deles, a proporção de exclusão social chega a ser quase 30% maior do que a população nativa (EUROSTATS, 2011, p. 112). A pesquisa ainda concluiu que os descendentes, por estarem mais assimilados na cultura local, encontram menos dificuldades em relação aos imigrantes de primeira geração (EUROSTATS, 2011, p. 136).

O mesmo estudo do Eurostats avaliou situações no campo da educação. E como previsto, apontou maiores dificuldades para aqueles com origem estrangeira. O risco de abandono dos estudos é 4% maior para jovens descendentes de segunda ou terceira geração na União Europeia do que seus colegas nativos. Em alguns países europeus, como na Alemanha, por exemplo, a quantidade de descendentes com ensino superior completo ainda é cerca de 10% menor em comparação aos nativos (EUROSTATS, 2011, p. 125-128).

Além disso, na maioria dos países da Europa, há uma grande defasagem no mercado de trabalho, com poucos imigrantes e descendentes ocupando lugares de destaque no topo da pirâmide. Na França, estudos recentes do Instituto Nacional da Estatística e Estudos Econômicos da França (INSEE) confirmam que trabalhadores imigrantes são maioria em postos de trabalho não qualificados e minoria nos cargos de gerência ou chefia, quando comparados com os trabalhadores franceses nativos (FAUGÈRE; BOUVET, 2016, p. 1-2).

E parte desses problemas e diferenças sociais é culpa da própria União Europeia, que foi criada visando unificar e transcender as distintas culturas do continente, mas mostrou-se, até os dias atuais, incapaz de articular as diferenças culturais dos europeus com as dos imigrantes oriundos de outras

partes do mundo, principalmente da África e do Oriente Médio (HARARI, 2018, p. 178-179). Hoje a Europa possui uma vasta diversidade étnica, cultural, linguística e religiosa e não pode mais acreditar que sua cultura é homogênea (HABERMAS, 2012, p. 85)

Esses números e estatísticas, colhidos por institutos europeus, revelam a real situação dos imigrantes e seus descendentes, mostrando como ainda há um longo caminho a percorrer em busca de igualdade e melhores condições sociais. E devido a essas graves diferenças, são comuns manifestações de intolerâncias sociais como xenofobia, racismo, homofobia, machismo e a intolerância religiosa na sociedade, comportamento que também será reproduzido nos campos de futebol.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já citado anteriormente, o futebol não está à margem da sociedade, e, sim, diretamente conectado a ela. Por isso, diversos comportamentos vão se reproduzir também no universo dessa modalidade esportiva.

A história nos mostra vários exemplos de manifestações políticas dentro de estádios, seja através de bandeiras, faixas, cânticos ou invasões de campo. Como afirma Mascarenhas (2014, p. 161), o torcedor quer participar ativamente da festa e expressar coletivamente suas opiniões e reivindicações. E essas ações podem tanto expressar pautas progressistas como também endossar ações preconceituosas.

No senso comum, o futebol é tido como um ópio do povo (DA MATTA, 1982, p. 22) e também como instrumento de alienação social (GALEANO, 2013, p. 41). Parte da Academia (Universidades e Institutos de Pesquisa) ainda o enxerga como tema social e cultural de menor relevância, porém, nos últimos anos, novos trabalhos com essa temática, englobando diversas pautas, vêm sendo pesquisados mostrando a importância do assunto, como afirmam Elias e Dunning:

[...] o desporto demonstra com toda a clareza que constitui um campo de considerável significado social, o que — de acordo com o grau de pretensão, que os sociólogos levam tão a sério, segundo o qual a sua disciplina é uma ciência de compreensão da sociedade, que estuda as sociedades em todos os seus aspectos — reclama teorização e investigação sociológica (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 17-18).

O futebol e o esporte em geral têm enorme potencial para serem ferramentas que atuem em prol da inclusão social e do combate às diferenças, sendo ainda um importante instrumento civilizatório para o processo de inclusão (TRIGO;

FREITAS, 2017, p. 15). Porém, há o outro lado desta moeda. Uma face negativa que é responsável por reproduzir os mais perversos sentimentos do ser humano através da intolerância contra o diferente.

A Europa soube se beneficiar da contribuição que os imigrantes deram às melhorias sociais e de condição de vida no continente ao longo dos séculos (HABERMAS, 1998, p. 158). No futebol, essa cooperação não é diferente e será cada vez maior nos próximos anos visto o alto número de atletas com perfil multicultural integrando as seleções de base dos Estados do continente.

Por isso, utilizar o futebol e o esporte como ferramentas de estudo e pesquisa sobre essas temáticas políticas, sociais e culturais, ajudará os indivíduos a assimilar melhor as mudanças pelas quais a sociedade vem passando e a combater as intolerâncias em prol de uma sociedade mais harmônica e capaz de compreender sua heterogeneidade.

NOTAS

¹ Alguns exemplos de clubes fundados por imigrantes na Europa são o Futbol Club Barcelona na Espanha e o Celtic Football Club na Escócia. Na América do Sul alguns exemplos são a Sociedade Esportiva Palmeiras e o Clube de Regatas Vasco da Gama no Brasil e o Club Deportivo Palestino no Chile.

² Direito de sangue na tradução livre.

³ A expressão *pied-noir* (pés negros na tradução livre) era utilizada para designar os franceses que nasciam na Argélia, mas que não tinham descendência árabe. Na maioria das vezes eram filhos de franceses brancos e pobres que emigraram no século XIX em busca de novas oportunidades de trabalho no país africano.

⁴ Blaise Diagne foi um político senegalês e em 1914 tornou-se o primeiro negro a ser eleito deputado na França.

⁵ O termo *Gastarbeiters* significa trabalhador convidado. Esses imigrantes efetuavam trabalhos de mão de obra barata e não tinham permissão para viajar com a família, não receberam nacionalidade alemã e seus vistos no país eram temporários

⁶ A Lei Bosman foi sancionada pelo Tribunal de Justiça da União Europeia no dia 15 de dezembro de 1995 e permitiu que os jogadores de futebol comunitários ou com passaporte europeu não fossem impedidos de jogar em outro país da União Europeia, independentemente de sua nacionalidade.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, F. Parceira da Fifa registra 45 casos de assédio na Copa do Mundo. **Folha de S. Paulo**, Moscou, 11 jul 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/07/fifa-registra-30-casos-de-sexismo-na-copa-do-mundo-na-russia.shtml>> . Acesso em: 18 fev. 2019.

AGOSTINO, G. **Vencer ou morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

- BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- CARDÃO, M. Um significante instrumental. Eusébio e banalização do lusotropicalismo na década de 1960. In: DRUMOND, M. et al. (Orgs.). **Esporte, Cultura, Nação, Estado**: Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, p. 172-188.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **Caminhos da identidade**: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- CARNEIRO, G. A nova cara da Copa. **UOL Esportes**, São Paulo, 12 jul 2018. Disponível em: <<https://www.uol/copadomundo/especiais/copa-do-mundo-multicultural.htm#destaques-multiculturais-da-europa>> . Acesso em: 10 jan. 2019.
- DA MATTA, R. **Universidade do Futebol**: Esporte e Sociedade Brasileira Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982.
- DAS, A. Fined by FIFA, Mexico tries, again, to banish a homophobic chant by its fans. **The New York Times**, Moscou, 21 jun 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/06/21/sports/world-cup/mexico-puto-chant.html>> . Acesso em: 17 fev. 2019.
- DO VALLE, E. Os 40 anos de história da presença negra na seleção inglesa principal. **It's a Goal**, 2018. Disponível em: <<https://itsagoal.wixsite.com/home/posts/os-40-anos-de-hist%C3%B3ria-da-presen%C3%A7a-negra-na-sele%C3%A7%C3%A3o-inglesa-principal>> . Acesso em: 22 jan. 2019.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.
- EUROSTATS. **Migrants in Europe**: a statistical portrait of the first and second generation. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2011.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Editora EDUFBA, 2008.
- FAUGÈRE, A.; BOUVET B. **L'accès à un travail et des conditions d'emploi plus difficiles pour les immigrés**. Paris: Insee Analyses Auvergne-Rhône-Alpes, n. 22, p.1-4, septembre 2016.
- FENTON, S. **Etnicidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- FIFA. *A World Cup of firsts for the fight against discrimination and promotion of diversity*. FIFA, Zurique, 7 jun 2018. Disponível em: <<https://www.fifa.com/worldcup/news/a-world-cup-of-firsts-for-the-fight-against-discrimination-and-promotion-of-diver>> . Acesso em: 16 fev. 2019.
- FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses**: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FREITAS, G. S. P. de. *A importância dos imigrantes e descendentes na seleção francesa ao longo das Copas do Mundo*. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 51-71, maio-agosto de 2018a. Disponível em: <<https://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14023/1125611932>> . Acesso em: 14 jan. 2019.
- _____. **As seleções de futebol multiculturais da União Europeia**. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais). 2017. 102p. Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-25062017-181056/pt-br.php>> . Acesso em 12 jan. 2019.

- _____. Quem são os jogadores multiculturais das seleções europeias na Copa de 2018, **Guilherme Freitas Acadêmico**, 2018b. Disponível em: <<https://guilhermefreitasacademico.wordpress.com/2018/06/24/quem-sao-os-jogadores-multiculturais-das-selecoes-europeias-na-copa-de-2018/>> . Acesso em: 10 jan. 2019.
- GALEANO, E. **Futebol ao sol e a sombra**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.
- GASTAUT, Y. **Le métissage par le foot**: L'intégration, mais jusqu'où? Paris: Éditions Autrement, 2008.
- GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- HABERMAS, J. **Lutas pelo reconhecimento no estado democrático constitucional**. In: TAYLOR, Charles; et al. Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento. Lisboa: Instituto Piaget, 1998, p. 125-164.
- _____. **Sobre a constituição da Europa**: um ensaio. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- LUKAKU, R. I've got some things to say. **The Players Tribune**, 2018. Disponível em: <<https://www.theplayertribune.com/en-us/articles/romelu-lukaku-ive-got-some-things-to-say>> . Acesso em: 29 jan. 2019.
- MASCARENHAS, G. **Entradas e bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro. EduERJ, 2014.
- MCKIRDY, E; YOUNG, H. German footballer Mesut Özil quits national team, citing racism. **CNN**, Atlanta. 23 jul 2018. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2018/07/22/football/mesut-ozil-retirement-racism-spt-intl/index.html>> . Acesso em: 18 fev. 2019.
- O'CONNOR, P. Swedes take stand against racism after Durmaz abuse. **Reuters**, Sochi, 24 jun 2018. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-soccer-worldcup-ger-swe/swedes-take-stand-against-racism-after-durmaz-abuse-idUSKBN1JK04Z>> . Acesso em: 18 fev. 2019.
- SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EdUSP, 1998.
- TOLEDO, L. H. de. **Lógicas no Futebol**: Dimensões simbólicas de um esporte nacional. 2000, 322p. Originalmente apresentado como tese de doutorado em Antropologia. São Paulo: USP, 2000.
- TRIGO, L. G. G.; FREITAS, G. S. P. de. **O futebol como instrumento político na crise migratória na Alemanha e na Europa**. Fênix - Revista de História e Estudos Culturais, Uberlândia, v. 14, n. 2, p. 1-15, julho-dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/PDF40/artigo_18_secao_livre_Guilherme_Silva_Pires_Freitas_e_Luiz_Gonzaga_Godoi_fenix_jul_dez_2017.pdf> . Acesso em: 25 fev. 2019.
- VERMEULEN, H. **Imigração, integração e a dimensão política da cultura**. Edições Colibri, Lisboa, 2001.
- WINNER, D. **Brilliant Orange**: the neurotic genius of dutch football. London: Bloomsbury, 2010.
- WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: DA SILVA, T. T. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 7-72.

RESUMO

Com mais de um século e meio de história, o futebol está sempre em constante mudança. De uma modalidade reservada aos filhos da nobreza e elite britânica, tornou-se o esporte das massas e a atividade esportiva mais popular do mundo, abraçando todas as parcelas da sociedade. Essas transformações também podem ser vistas nas seleções nacionais de futebol da Europa, refletidas através de seus elencos cada vez mais multiculturais e multiétnicos. É nos selecionados do continente que parcelas sociais marginalizadas, como imigrantes e seus descendentes, encontram maior espaço e oportunidades para mostrar seu valor. Este artigo mostrará essa relação entre o futebol e as populações migrantes na Europa, além de um breve histórico da participação dessa população ao longo dos tempos.

Palavras-chave: futebol, imigração, Europa

ABSTRACT

With more than a century and a half of history, football is always in constant changing. Of a sport reserved for the nobles and the British elite, football has become the sport of the masses and most popular sport of the world, embracing all society. These transformations can also be seen in the national football teams of Europe, reflected through their increasingly multicultural and multiethnic teams. It is in the national teams of the continent that marginalized social people, such as immigrants and their descendants find more space and opportunities to show their value. This article will show this relationship between football and migrant populations in Europe, as well as a brief history of the participation of this population over time in football history.

Keywords: football, immigration, Europe